

# A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E O ENFRENTAMENTO DAS SITUAÇÕES PROBLEMAS NO MEIO RURAL: LIMITES E POSSIBILIDADES

**Luci Mary Duso Pacheco<sup>1</sup>**

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
luci@fw.uri.br

**Ana Paula Noro Grabowski<sup>2</sup>**

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
paulinha.noro@hotmail.com

**Resumo:** Esse estudo pretende analisar qual o lugar da Pedagogia da Alternância, enquanto prática educativa desenvolvida nas Casas Familiares Rurais, no enfrentamento das situações problemas no meio rural. O presente artigo é resultado de uma pesquisa realizada na Casa Familiar Rural de Frederico Westphalen, com entrevistas e observações dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Na dinâmica da Casa Familiar Rural foi possível verificar elementos que fortalecem o conhecimento de novas técnicas e modos de produção, promovendo uma prática agrícola ecológica e sustentável, possibilitando o enfrentamento das situações problemas a que os agricultores familiares estão expostos.

**Palavras-chave:** pedagogia da alternância; meio rural; situações problemas

## A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

A pedagogia da alternância é uma prática reconhecida mundialmente, desenvolvida nos sistemas CEFFA (Centros Familiares de Formação por Alternância). É uma proposta educacional que promove a formação integral do jovem residente no meio rural. É uma tentativa de efetivar uma política educativa para a população rural, promovendo o homem do campo, ao mesmo tempo em que difunde o desenvolvimento tecnológico, econômico e sociocultural da comunidade, propiciando condições para o jovem fixar-se ao seu meio.

Dias (2006, p.124) explica a Pedagogia da Alternância como uma formação integral e transformadora do jovem rural e conseqüentemente de seu meio. Por meio do trabalho coletivo, escola e família, possibilita o desenvolvimento dos pequenos agricultores em sua região. A autora salienta que:

A Pedagogia da Alternância tem como objetivo a formação integral do jovem do campo no aspecto intelectual e profissional, e tem como princípio, uma abordagem

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Ciências Humanas da URI – Campus de Frederico Westphalen - Doutora em Educação pela UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – São Leopoldo

<sup>2</sup> Acadêmica do IV semestre do curso de Pedagogia da URI – Campus de Frederico Westphalen, e bolsista de Iniciação Científica – REDES/URI

metodológica que não nega a autonomia dele como sujeito. Balizada por essa premissa, a Pedagogia da Alternância vem sendo desenvolvida na tentativa de proporcionar um atendimento específico aos adolescentes do meio rural. Nela, enfatiza-se a iniciativa própria, a criatividade individual, o trabalho em equipe, o senso de responsabilidade, de cooperação e de solidariedade.

Neste modelo de ensino os alunos são os atores de sua própria formação, num processo permanente de práxis socioprofissional (ação-reflexão-ação), fazendo da escola um lugar mútuo de ensino e aprendizado. Por isso a formação em alternância diferencia-se do modelo de ensino tradicional porque têm no seu processo de aprendizagem situações vividas pelos jovens em seu meio, em vez da simples aplicação prática de aulas teóricas.

Dias (2006) destaca que a formação pela alternância se organiza em torno do “aprender a conhecer”, “aprender a fazer”, “aprender a viver com os outros” e “aprender a ser”<sup>3</sup>. Aprender a conhecer, para que o jovem conheça, relacione e integre os elementos de sua cultura ao conhecimento técnico-científico. Aprender a fazer aponta para o desenvolvimento de habilidades para enfrentar problemas, solucionar conflitos e adquirir qualificação profissional. Aprender a viver com os outros para realizar projetos comuns, compreendendo o outro e fortalecendo as relações dentro da comunidade. Aprender a ser sujeito e cidadão, agindo com autonomia e estabelecendo relações entre sujeito, escola, comunidade e propriedade.

A formação através da pedagogia da alternância centra-se em quatro grandes pilares, que podem ser observados na figura abaixo. Quanto aos meios: a) a gestão do CEFFA é desempenhada por uma associação de agricultores; b) a metodologia utilizada é a pedagogia da alternância. Quanto aos fins: c) uma formação integral para duas gerações: pais e filhos; d) o compromisso com o desenvolvimento econômico e social local.

---

<sup>3</sup> Essa organização está relacionada com os quatro pilares da educação destacados por Jacques Delors no Relatório da UNESCO.

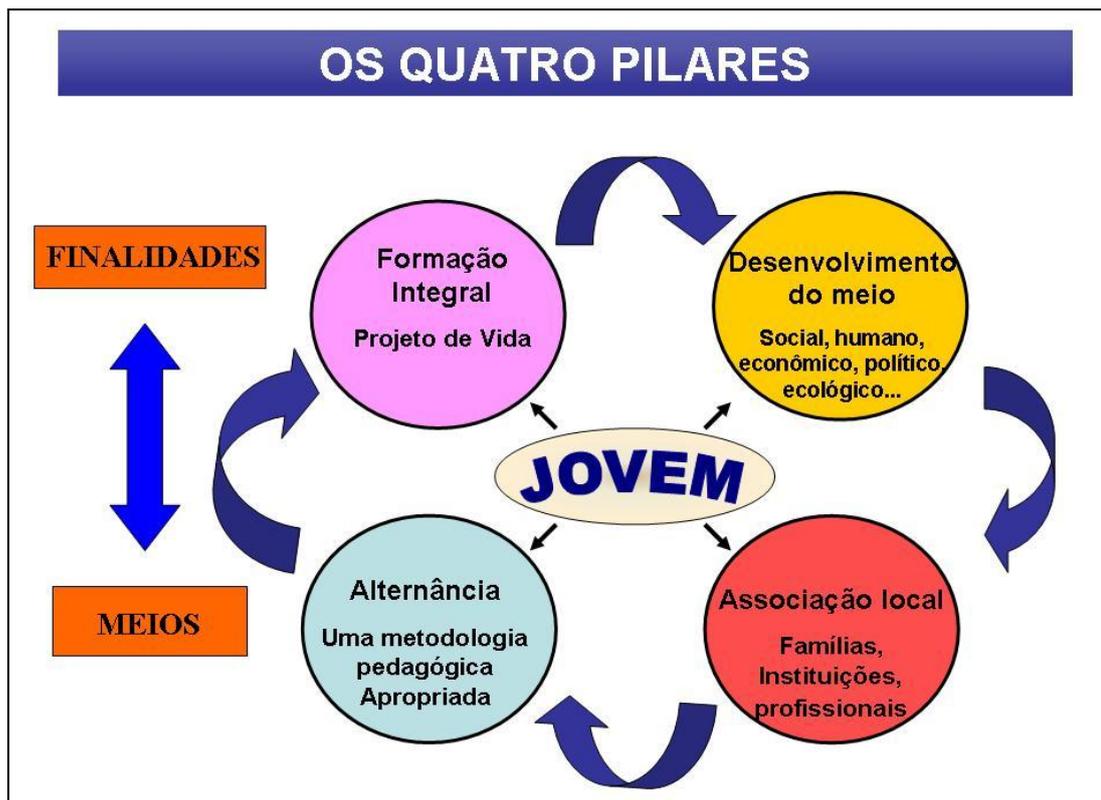


FIGURA 01 PILARES DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA  
 Fonte: Calvó (2005, p. 29) Revista da Formação por Alternância

A figura abaixo apresenta um esquema do funcionamento do sistema da alternância, no qual é possível verificar a aplicação dos seus instrumentos nos momentos alternados da aprendizagem. No momento em que uma turma está desenvolvendo as atividades na escola as outras estão na propriedade e assim se dão as alternâncias com permanência de uma semana na escola e duas no ambiente familiar.

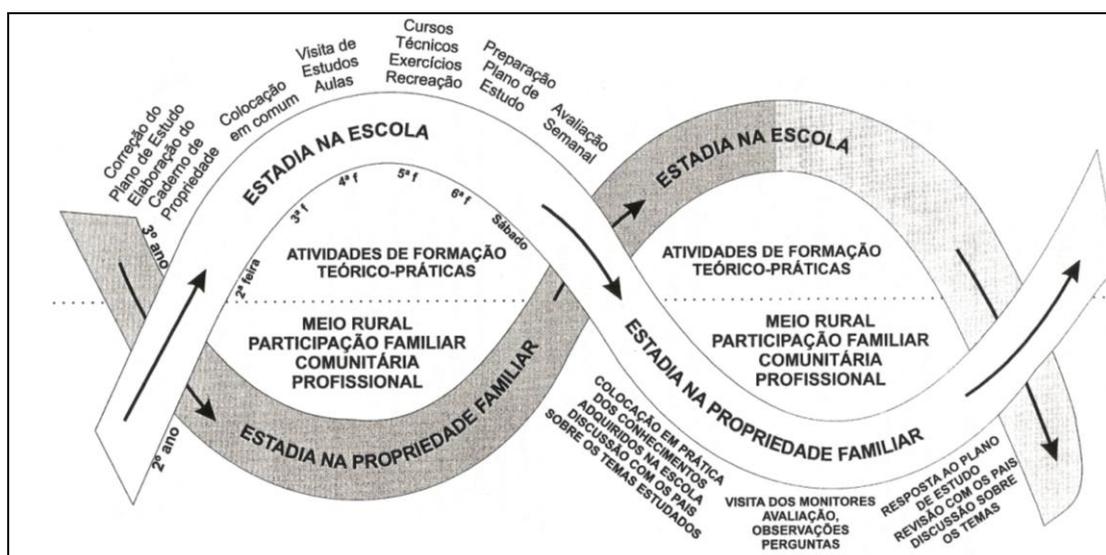


FIGURA 02: FUNCIONAMENTO DOS SISTEMAS DA ALTERNÂNCIA  
 Fonte: UNEFAB – Dossiê Módulo III

A pedagogia da alternância está centrada na pessoa e no desenvolvimento do seu meio. Tende então, segundo Gimonet (2007, p.107), a situar o educando como sujeito-ator de sua formação, que aprende, pesquisando e construindo. Prevalencem, então, os métodos ativos e de apropriação que privilegiam o processo de produção de saberes através da pessoa, mais do que um simples consumo de informações pela mesma.

Freire (1996, p. 47), diz que os educadores devem “saber que ensinar não é transferir conhecimento mas criar possibilidade para sua própria produção ou a sua construção.” Assim, nessa concepção pedagógica, o educador desempenha muitas funções além do propriamente ensinar. Ele vai ao encontro do educando procurando orientá-lo, conduzindo a novas formas de agir frente às situações da vida familiar e social, educa, acompanha, ajuda e dialoga.

Todo o trabalho realizado em prol da formação profissional e social deve estar de acordo com os propósitos do projeto, sendo que as pessoas envolvidas no seu processo de desenvolvimento devem praticar e compreender a pedagogia da alternância. Sobre esse aspecto, Gimonet (2007, p. 28) ressalta que “A eficiência educativa e formativa da Alternância é ligada à coerência, existindo entre todos os componentes da situação de formação e, notadamente, entre as finalidades, os objetivos e os meios do dispositivo pedagógico”.

O autor fala também que “em toda Pedagogia da Alternância é fundamental uma Pedagogia da Cooperação, uma partilha de poder educativo” (GIMONET, 2007, p.31). A família, a escola, a comunidade, enfim, todos aqueles que vivenciam a formação do sujeito alternante, são extremamente significativos nas relações e na comunhão das práticas advindas desse meio e que vão acontecendo ao longo desse processo. Busca-se através dessa partilha, um melhor aprendizado, no qual a organização de diversas idéias e saberes acabam por provocar e aguçar ainda mais a curiosidade e a procura por mais informações.

A autêntica alternância escola-trabalho não é uma simples justaposição destes dois elementos, mas supõe sua interação refletida: a escola se vê enriquecida pelo trabalho, e o trabalho pela escola. Esta concepção é sem dúvida o elemento característico dos sistemas pedagógicos baseados na alternância: uma concepção criadora. (ROUILLIER, 1980, p.45).

As palavras de Rouillier (1980) remetem à compreensão de uma educação como princípio integrador da realidade vivida pelos sujeitos com a possibilidade de transformação dessa mesma realidade, através da tomada de consciência das situações limites e o estudo das possibilidades de superação das mesmas. Esse princípio integrador só será efetivo se houver

uma relação real entre escola e meio socioprofissional. A pedagogia da alternância prevê essa relação.

É importante ressaltar que os sistemas CEFFAs não atuam somente na formação dos alunos, mas também dos familiares, uma vez que são parte constitutiva da proposta pedagógica da alternância. Desse modo, recriam valores, aprendem novos sentidos e significados pela luta e trabalho na terra e novas relações sociais de produção, por meio das discussões e atividades na e fora da escola e nos encontros de formação entre pais e alunos, diretores, monitores e outros dirigentes do movimento CEFFA.

Dessa forma, os sistemas CEFFAs aparecem como uma alternativa viável para o desenvolvimento rural, porque eles visam justamente contribuir para o desenvolvimento sustentável, através do trabalho das associações das escolas, em projetos coletivos, que viabilizem o desenvolvimento da instituição, dos alunos, da comunidade e dos pequenos produtores. Eles podem contribuir para o desenvolvimento do campo, porque atuam na formação teórica e prática dos educandos, respeitando a sua cultura e seu meio, de forma que eles tenham conhecimentos técnicos e filosóficos que os favoreçam desenvolver a comunidade, bem como a si mesmos.

Para a alternância é importante que tanto o jovem, quanto o meio se desenvolvam. Levando-se em consideração que o desenvolvimento deve melhorar a vida das pessoas (desenvolvimento humano), de todas as pessoas (desenvolvimento social), das que estão vivas hoje e das que viverão amanhã (desenvolvimento sustentável), a Pedagogia da Alternância promove o desenvolvimento econômico e sociocultural das famílias e conseqüentemente da comunidade, através de um conhecimento adequado à sua realidade, levando o agricultor a ter acesso a uma moderna tecnologia apropriada ao seu modo de produção, habilitando-o a analisar criticamente sua realidade e nela interferir para modificá-la.

As pessoas precisam acreditar no meio rural como um espaço de vida e de existência digna, para isso é necessário que a escola desempenhe uma função importantíssima desde a mais tenra classe, que é a valorização do espaço, do trabalho e do modo de vida das famílias rurais, sem que, com isso, se negue os benefícios dos avanços tecnológicos para essa população e que fazem parte, hoje, do conforto, comodidade e entretenimento que a vida urbana oferece.

Se a escola trabalhar desde cedo a valorização e os conhecimentos do espaço rural, conseguirá ao longo da escolarização contribuir na transformação do cenário atual de abandono e desesperança, ajudando os jovens a conhecerem melhor suas potencialidades e

possibilidades dentro da atividade agrícola, aproximando o conteúdo escolar da vida cotidiana das pessoas que trabalham e vivem nesse cenário.

Nos últimos anos, tem surgido diferentes experiências educacionais no meio rural brasileiro. São experiências que, na maioria dos casos, surgem por iniciativa da própria população, através de suas organizações e movimentos sociais, a partir de alianças com Partidos Políticos, Igreja, Universidades e Organizações Não-Governamentais, na busca de afirmar princípios, concepções e práticas de uma educação e de uma escola vinculadas a um projeto de desenvolvimento do espaço rural. Exemplos dessas iniciativas são, entre outras, a luta do Movimento dos Sem Terra pelas Escolas de Assentamento, Escolas de Acampamento e Escolas Itinerantes; a luta dos indígenas e dos povos da floresta por uma escola vinculada à sua cultura, assim como as experiências dos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFAs).

Retomando um pouco a especificidade, a organização pedagógica e metodológica da Casa Familiar Rural, a mesma tem na pedagogia da alternância o princípio fundamental e norteador de seu projeto educativo. Silva (2003) defende que tal princípio implica em um processo de formação do jovem agricultor que combina e articula períodos de vivência no meio escolar e no meio familiar. Alterna-se, assim, a formação agrícola na propriedade com a formação teórica geral na escola que, além das disciplinas básicas, engloba uma preparação para a vida associativa e comunitária. A ênfase na formação integral do jovem, na participação das famílias na condução do projeto educativo e na gestão da escola, assim como a perspectiva de desenvolvimento local são os outros princípios que, articulados à alternância, sustentam o projeto pedagógico da Casa Familiar Rural.

Dentro do trabalho e da organização da Casa Familiar Rural foi possível verificar elementos claros que viabilizam uma formação voltada para o enfrentamento da exclusão social. Elementos esses que, fortalecendo o conhecimento de novas técnicas e modos de produção, possibilitam uma prática agrícola ecológica e sustentável, melhorando o rendimento da produção, com isso elevando as condições de vida das famílias.

Sendo o trabalho na Casa Familiar todo direcionado para a gestão e produção de propriedade agrícola familiar, os temas desenvolvidos nas alternâncias são pertinentes à realidade do território e possibilitam um conhecimento mais aprofundado para os agricultores em relação ao que os mesmos já produzem, como também, à inovações que possam vir a serem agregadas às suas propriedades.

De acordo com Nascimento (2003), a prática da Casa Familiar Rural é relevante para o atual contexto, uma vez que utiliza a Pedagogia da Alternância como uma proposta

diferenciada e alternativa que se constitui no universo pedagógico como sendo uma pedagogia da resistência cultural em relação à forte hegemonia neoliberal presente na educação brasileira, principalmente, a partir da década de 90 em diante.

No quesito vivência comunitária, os instrumentos pedagógicos da Pedagogia da Alternância, prevêm a integração da família no espaço escolar e vice-versa, aproveitando os conhecimentos e as práticas bem sucedidas das famílias ou de agricultores da comunidade para serem compartilhadas e visitadas, buscando sempre o aprendizado na relação teoria e prática.

A relação família-escola é tão importante para a prática da Pedagogia da Alternância, que Silva (2008) faz a seguinte referência

Se numa formação tradicional a condução do processo educativo pertence prioritariamente à escola, essa concepção não é mais adequada quando se busca uma alternância integrativa, em que a sucessão família-escola deve constituir a base de todo o processo educativo. Nesta perspectiva, torna-se imprescindível a inclusão efetiva de todos os envolvidos no processo educativo como co-produtores da formação, evitando, assim, no melhor estilo da pedagogia tradicional, que as famílias se tornem meramente espaços de socialização e/ou implementação de conteúdos escolares. De contrário, a alternância corre o sério risco de se tornar apenas uma outra receita pedagógica e uma outra forma de autoritarismo, que não é capaz de apreender o processo pedagógico na sua totalidade. A inclusão efetiva de todos os envolvidos na formação pressupõe, por sua vez, a construção de novas relações entre a escola e a família na implementação de uma verdadeira parceria. (SILVA, 2008, p. 111)

No entanto, considerando que a relação da família com a escola deve ser o mais próxima possível, ainda sente-se que é preciso crescer mais nessa aproximação. Não no sentido de dar mais abertura, pois isso já é feito, mas no sentido de ajudar as famílias a se sentirem mais seguras nesse momento de “transição” de pensamento, de modelo produtivo e de atitudes.

É por esta razão que Gimonet (1985) considera que uma verdadeira alternância não sobrevive sem uma abertura da escola para o mundo exterior, orientada pela busca permanente de incorporar e reconstruir no processo de formação dos alunos os conhecimentos historicamente criados e recriados nas lutas e vivências das famílias, de suas organizações e seus movimentos.

É nessa articulação entre escola, famílias e contexto sócio-político que encontramos a essência de uma alternância integrativa. Além disto, essa combinação do projeto de formação com a realidade das lutas e movimentos sociais é que fornece sustentação tanto ao princípio da alternância como instrumento de desenvolvimento do meio; evitando assim a reprodução de velhas falácias que atribuem à educação, por si só, a capacidade de realizar transformações sociais, de impedir o êxodo rural,

de promover a melhoria das condições de vida do agricultor, entre outras, que acabam por reproduzir o velho discurso liberal em relação à função social da escola. (SILVA, 2008, p.112)

Em se tratando de enfrentamentos, a prática educativa das Casas Familiares Rurais apresentam inúmeras possibilidades. Vivenciam a democracia e a solidariedade, aspectos imprescindíveis para uma vida em comunidade, incentivando as práticas de economia solidária e da tarefa compartilhada, além das redes de cooperação. Esses aspectos já são suficiente para identificá-la como uma prática educativa de enfrentamento das situações problemas no meio rural, tendo em vista que muitas das precariedades percebidas nesse espaço podem ser enfrentadas com conhecimento e vivência em comunidade.

#### A EXPERIÊNCIA DA CASA FAMILIAR RURAL DE FREDERICO WESTPHALEN

O Projeto Pedagógico da Casa Familiar Rural Santo Isidoro de Frederico Westphalen (2006) traz que a educação de forma geral valoriza as profissões, porém, a de ser agricultor é algo ainda à ser conquistado pela comunidade rural. É necessário ter conhecimento de formação humana global e específica sistematizada para desenvolver as atividades. Paralela à outra profissão também requer habilidades e saberes que atendam à prática produtiva campesina.

A agricultura mais do que um mercado exportador é também raiz da produção alimentícia saudável advinda das pequenas demandas: a agricultura familiar, que pela menor escala de repercussão mundial - se comparada a agro exportação - possui um mercado que aos poucos vem se consolidando pela qualidade produtiva. Nesta situação é que um ensino com bases formadoras específicas se sustenta, pois garante possibilidade de desenvolvimento rural para o jovem que conhecedor das particularidades rurais souber alçar seus conhecimentos adequadamente e de acordo com as potencialidades de sua propriedade.

Apesar deste crescimento na conquista de uma nova concepção do espaço rural como meio de produtividade e desenvolvimento a sustentabilidade econômica desse centro educativo não é prioridade do poder público, ainda há em nosso país a ideia de que os pequenos agricultores pertencem a um setor arcaico e defasado das tecnologias de produção, simbolizando um atraso na economia brasileira se comparado ao setor exportador.

A educação do campo se constituiu a partir de uma contradição que é a própria contradição de classe no campo: existe uma incompatibilidade de origem entre a agricultura capitalista e a Educação do Campo, exatamente porque a primeira sobrevive da exclusão e morte dos camponeses, que são os sujeitos principais da segunda. (CALDART apud QUEIROZ, SILVA e PACHECO, 2006, p. 53)

Se por um lado o capitalismo impera dando preferência aos referenciais lucrativos em larga escala, por outro, a agricultura familiar vem granjeando espaço, tendo como referencial de permanência no campo a Pedagogia da Alternância que através da Casa Familiar Rural;

Desperta nos agricultores novas formas de vivenciar a agricultura, minimizando as agressões ambientais e diminuindo o problema da dependência de fatores externos à propriedade para que ocorra o processo produtivo, gerando, assim, mais perspectivas para as gerações futuras. Este objetivo concretiza-se através do trabalho em grupo, da organização dos agricultores e do espírito associativista, articulando, ainda, a realidade das comunidades agrícolas com o processo de ensino fundamental e médio. (PASSADOR, 2006 p. 165).

Concernente a seguinte referência, um educador da Casa Familiar Rural Santo Isidoro, através da entrevista, coloca que o meio rural hoje traz grandes oportunidades de vida em família, de criar os filhos e desenvolver-se com saúde, inteligência, harmonia e paz, trabalhando na propriedade como um espaço onde as pessoas possam evoluir e crescer, por que é no meio rural que se encontram os princípios da sociedade e da natureza. Da mesma forma ressalta sobre o ensino das Casas Familiares Rurais ao dizer que

A Pedagogia da Alternância é a Pedagogia do concreto. O grande impacto proveniente da Pedagogia da Alternância é a oportunidade do sujeito construir sua caminhada, fazer seu espaço. Esta Pedagogia tem objetivos específicos que propiciam aos alunos seu real crescimento, é na CFR que ele vai elaborar seu projeto de vida, reconhecer-se como indivíduo social, assumindo lideranças e sendo referência comunitária, se esse jovem realizar uma vez o trabalho com vontade e responsabilidade, realizará sempre, qualquer trabalho, seguindo tais princípios. (MONITOR da CFRSI, 2010)

Atualmente, existem muitas associações representantes deste movimento na América do Sul, somente no Brasil são 125 Centros, sendo que 97 estão em funcionamento e 28 estão em processo de implantação (ARCAFARSUL apud, BOF, 2006). A Pedagogia da Alternância encontra-se presente nesses movimentos através das CFRs (Casas Familiares Rurais) e das EFAs (Escolas Famílias Agrícolas).

O Rio Grande do Sul comporta 3 Casas, uma delas é a Associação Casa Familiar Rural Santo Isidoro, localizada na Linha Faguense em Frederico Westphalen, norte do estado. Teve seu processo de origem iniciado em 1998, com discussões à cerca da Associação; decorrente do processo surgiu em 2001 um grupo de 28 famílias que se interessavam em participar deste modelo educacional para o campo, cuja essência é a integração das famílias no processo de formação. No seguinte ano, 2002, a primeira turma de jovens alternantes deu início a sua caminhada pela Casa Familiar Rural, sendo sujeitos da Pedagogia da Alternância e podendo

vivenciar seu aprendizado na propriedade em que residem (Projeto Pedagógico, 2006). A ACFRSI recebe adolescentes de vários municípios da região do Médio Alto Uruguai, comportando o Ensino Médio, e constituindo a primeira CFR do Rio Grande do Sul com tal modalidade de ensino.

Nesse processo que parte das situações vividas Freire (1999) expressa que “*A leitura do mundo precede a leitura das palavras*”; é a leitura da realidade de vida que vai permitir o acesso a formação. De acordo com o questionário aplicado para um total de 53 alunos da ACFRSI, 83,03% destes responderam que a formação propiciada pela Pedagogia da Alternância está possibilitando o crescimento profissional através do aprendizado, do trabalho na propriedade, das novas técnicas e das diferentes experiências de planejamento e métodos apropriados; além de que o jovem passou a ser referência na comunidade assumindo lideranças e estreitando os laços familiares e sociais através do diálogo e da preservação de valores como: responsabilidade, seriedade e compromisso.

Os gráficos abaixo trazem alguns resultados da pesquisa já realizada em sua parte prática com os jovens da Associação Casa Familiar Rural Santo Isidoro:

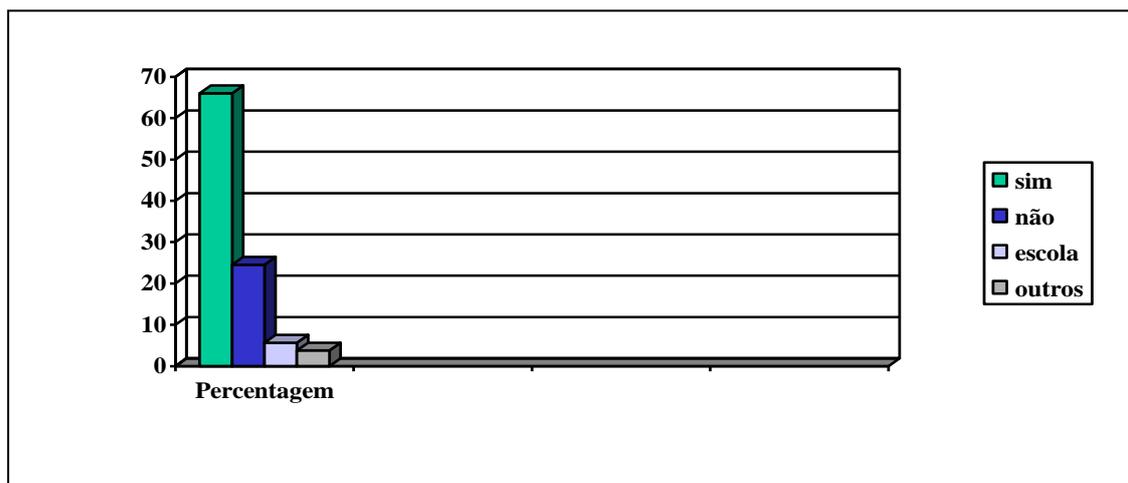


GRÁFICO 01: PERCENTAGEM DOS ALUNOS QUE CONHECIAM A ACFRSI

Os valores estabelecidos com o questionário da pesquisa, denotam que a maioria dos jovens já conheciam a ACFRSI antes de ingressar na mesma, sendo que tal conhecimento é proveniente de familiares e amigos que frequentaram a Casa e passaram a experiência desta proposta de ensino para diante, como forma de expandir sua abrangência.

Sobre o ensinopredominante na Pedagogia da Alternância tem-se que:

[...] o que prioridade na Pedagogia da Alternância é a dignidade da pessoa, como sujeito individual e coletivo, tratam-se de jovens e suas famílias (pequenas ou grandes) e em torno desta comunidade. Leva-se em conta a totalidade da pessoa como indivíduo e o que ela representa na história e no seu meio por esse motivo a EFA ajuda e é parte desse fator de desenvolvimento humano-social do meio onde está inserida (ZAMBERLAN apud JESUS, 2006).

A população rural por via de mediação constituiu-se de pessoas que trazem um saber intrínseco à sua criação, aos seus costumes e ao seu modo de viver. No ensino alternante, tais saberes são privilegiados na aprendizagem do adolescente, logo suas raízes não são apagadas ou corroboradas pelos efeitos capitalistas exploratórios, existe a preservação da cultura natural, a cultural do povo.

A percepção de que a Pedagogia da Alternância é uma forma de preservar essa cultura também se encontra presente nas famílias dos alternantes como mostra o gráfico abaixo, expondo como maior índice a participação da famílias junto ao jovem na escolha pelo ensino da Casa Familiar Rural Santo Isidoro – Frederico Westphalen.

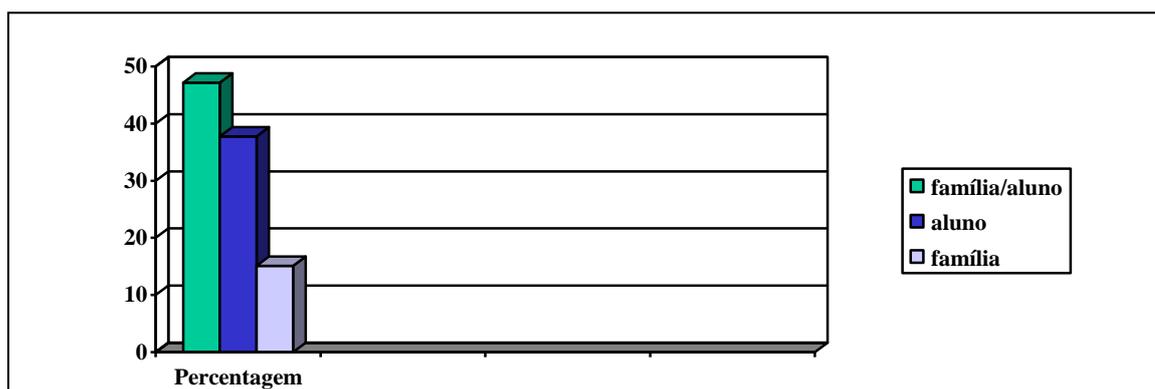


GRÁFICO 02: INICIATIVA PARA INGRESSAR NA ACFRSI

A família constituiu-se parte fundamental do processo educacional, pois, é ela quem oferece o primeiro espaço de socialização de valores e conduta, da mesma forma, se faz imprescindível na Alternância, representando ponto de apoio e de integração entre monitores e jovens. É no núcleo familiar também que se difundem os conhecimentos e planejam/executam-se trabalhos da propriedade. Para Gimonet (2007), tanto as crianças, quanto os jovens e os adultos pertencem à um contexto familiar, e, este, é essencial para a construção de sua identidade e aprendizagem.

É nesse sentido que a família – seu auxílio e participação – na Pedagogia da Alternância é referência para a formação integral do jovem, para seu desenvolvimento tanto pessoal,

quanto social e/ou profissional. Aliada à essa importância é que os resultados do seguinte gráfico expressam o que pensam os jovens sobre a atuação de suas famílias na ACFRSI.

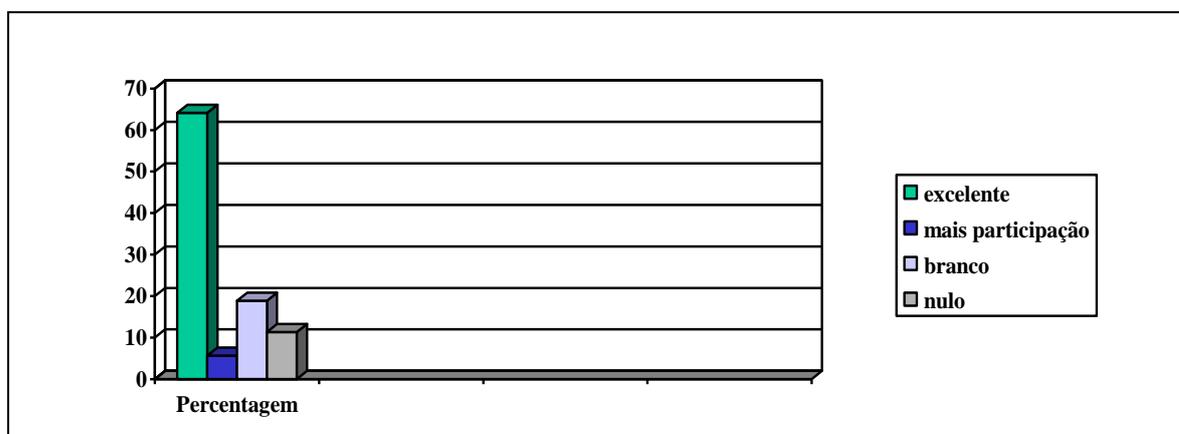


GRÁFICO 03: PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS NA ACFRSI

Pode-se perceber que os gráficos 02 e 03 trazem a participação das famílias como tópicos nos resultados de presença na escolha pela alternância juntamente com o jovem, e no papel integrador e participante que elas têm na CFR. Também é possível analisarmos que não são todos os alternantes que avaliam como real a participação de seus familiares, pois apontam como insuficiente sua atuação trazendo para enfoque a decisão somente familiar quanto ao ensino (gráfico 03). Note-se, que apesar da maioria das famílias trabalhar em conjunto com os adolescentes, não existe uma unanimidade que contemple todos os requisitos de tal participação, essa lacuna – pode-se considerar talvez um dos pontos fracos – evidencia-se supostamente como sendo um dos precedentes indicados para os problemas rurais: a falta de informação quanto às abrangências do campo em si e da Pedagogia da Alternância.

Como um agravante que incide tanto sobre as pessoas da cidade quanto algumas do campo, a falta de informação referente ao trabalho, plantio, cultura e costumes, deflagram o quão supérfluas são as concepções de “atrasado” que se tem do rural. É pertinente destacar aqui, que vem desse meio – que muitos ainda pensam ser “atrasado” - a maior parte dos alimentos saudáveis que chega à mesa das pessoas hoje.

Essas outras constatações servem como indício da necessidade de preservação e conhecimento que deve haver sobre o espaço rural, da mesma forma que as próprias famílias que ali residem têm o compromisso de zelar por sua cultura, modos de vida e relações familiares. É no campo, e somente no campo que “[...] a família procura manter uma rede de afinidades naturais, determinadas pela necessária unidade funcional de existência, proporcionada pelo relacionamento de uma relação natural, na sensibilidade correspondente para com a necessidade alheia[...].” (CALIARI, 2002 p. 70). Porém, ao negar ou deixar de fazer-se

presente na vida educacional dos seus filhos, essas mesmas famílias estão abnegando-os do crescimento.

Essa restrição também se faz presente em outro ponto da atividade alternante: a aplicação dos conhecimentos na propriedade. Sabe-se que o jovem realiza períodos que alternam entre a sua propriedade e a CFR (observar/refletir/empreender, Gimonet, 2007), cada período com características determinantes que são cruciais para sua aprendizagem. O retorno à propriedade (empreender) é marcado pelo fazer diferente, através dos seus conhecimentos e do que aprendeu na CFR, esses conhecimentos emergem então, como prática na propriedade dos jovens.

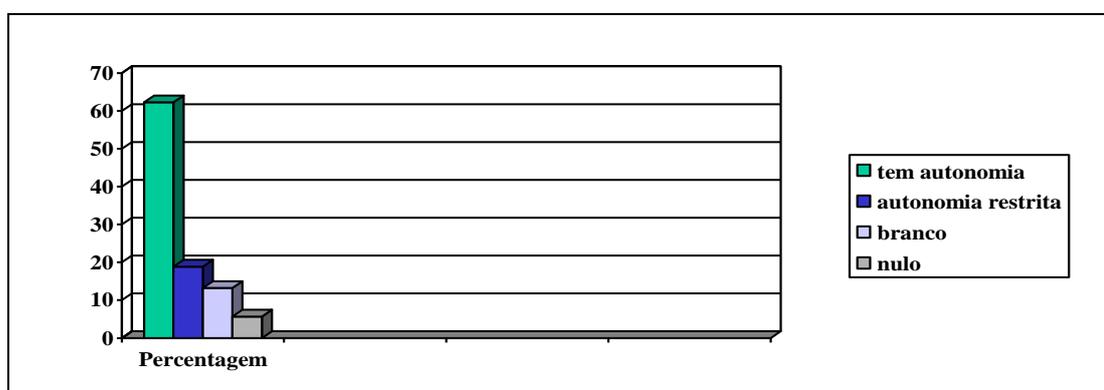


GRÁFICO 04: APLICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS NA PROPRIEDADE

A maioria das famílias já percebe o valor e a importância dos conhecimentos que o jovem traz da Casa, admitindo que estes possam trabalhar o manejo da terra e da propriedade em si com mais autonomia, no entanto, ainda existe resistência por parte de algumas famílias, pelo fato de admitir a mudança de hábitos – cultivo, plantio – muito duvidosa, restringindo as modificações e implementações necessárias, ou as técnicas de cultivo diferenciadas que os jovens venham a efetuar.

Mas não podemos deixar de notar que vem emergindo de forma lenta e continuada a mudança de concepção quanto à realidade e possibilidade do meio rural, para os jovens alternantes e suas famílias engajadas à Pedagogia da Alternância, isto se fez notar através dos proeminentes contatos viabilizados na ACFRSI, para a construção deste artigo. O trabalho com o real e com o concreto se faz presente no aprendizado e conhecimento para a formação do jovem alternante levando esse fato à mediação de suas necessidade.

Nesse sentido, ressalta-se o resultado significativo do último gráfico, o qual expõe a perspectiva que os jovens tinham em relação à permanência no campo após a conclusão do Ensino Médio, antes de iniciar na ACFRSI.

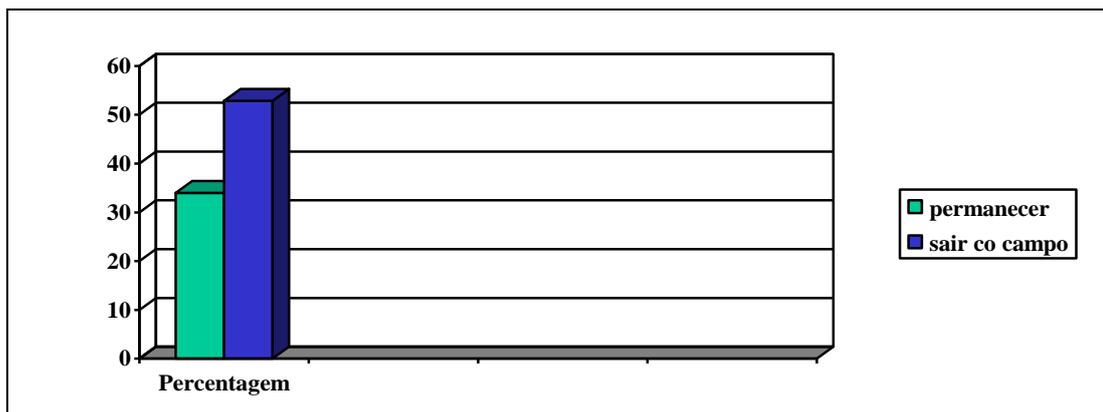


GRÁFICO 05: PERSPECTIVA SOBRE O CAMPO

Colocado como um espaço de difícil acesso, com poucas oportunidades de lazer, renda pouco consistente e trabalho extremo, o campo era concebido como lugar sem futuro e destituído de crescimento, devido à isso, muitos dos jovens pensavam em abandonar o meio rural para ir em busca de melhores condições de vida: a cidade.

Nesse resultado, onde claramente denota-se que a maioria dos jovens não queria continuar no trabalho com a terra, sobressaem-se implicitamente algumas das causas do êxodo e dificuldades do camponês como o clima, a desvalorização do seu trabalho perante a sociedade, preço baixo dos produtos, descaso político, falta de políticas públicas (saúde, educação), e talvez a falta de estrutura de trabalho de alguns órgãos voltados diretamente para o agricultor – Emater e Secretaria a Agricultura.

Essa chamada ilusória que o urbano faz, jogada pela mídia e contraditória ao real campesino apresenta-se de forma nítida

[...] a partir de uma visão idealizada das condições materiais de existência na cidade e de uma visão particular do processo urbanizado, alguns estudiosos consideram que a especificidade do campo constitui uma realidade provisória que tende a desaparecer, em tempos próximos, face ao inexorável processo de urbanização que deverá homogeneizar o espaço nacional. Também as políticas educacionais, ao tratarem o urbano como parâmetro e o rural como adaptação reforçam essa concepção (Parecer 36/2001 apud Arroyo, 2004 p. 138).

Ao contrário de tal concepção, o campo se identifica pelos seus sujeitos, sendo que estes devem ser os beneficiados com uma educação (Arroyo, 2004) *dos*, e não, *para os* sujeitos. Livre de amarras impostas é possível obter mudanças em relação à permanência no campo e a prática da agricultura como traduz a porcentagem de 79,24 dos jovens da ACFRSI, os quais acentuaram sua visão sobre a agricultura familiar, como sendo uma prática que traz benefícios, sustentabilidade, produção saudável e funciona como uma grande empresa que

*necessita de planejamento e cuidados com o plantio, além de ser uma forma de manter a família unida.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção de um ensino que sobrepujasse o imediatismo urbano ou aos modelos de reprodução não adequadas à realidade campestre surgiu na forma de uma proposta educacional arraigada nas necessidades próprias ao meio e inicialmente desvinculada de estudos teóricos, produzidas na forma original por seus sujeitos, os agricultores. Atualmente, essa proposta Pedagógica abrange um universo educacional em crescimento e mesmo assim sujeito a deturpações do âmbito político e pode-se dizer que também social.

Constatou-se através de tal artigo e das diversas práticas ocasionadas pela pesquisa uma certa falha na contemplação tanto governamental, quanto pública em relação ao ensino campestre – reportando-se à prática da Pedagogia da Alternância. Emerge a necessidade de uma consolidação de aceitar e valorizar o trabalho no campo efetuado pelo pequeno agricultor, aquele que, apesar das mudanças ainda permanece como pilar da produção familiar.

Na prática pedagógica alternante, os jovens saem do mundo da contemplação para o mundo da atuação, pois são eles que fazem a sua história, definem seu trabalho e buscam o desenvolvimento. Nessa rotina de construção aprende-se além da profissão, os valores humanos necessários para a confirmação deste ser junto à ordem social como parte coletiva e individual, em busca de uma vida mais digna e cidadã.

Redirecionar a atenção para os problemas do meio rural e efetivar políticas educacionais que atendam a essa demanda emergente é o primeiro passo para o preenchimento desta lacuna. Colocar em prática apoios verdadeiros que ofereçam oportunidades de crescimento e permanência destes jovens no campo, esse não é o motivo principal da alternância, mas é um dos fatores para se começar no ensino alternante. O conhecimento do ensino das Casas Familiares Rurais é algo a ser divulgado, existem poucos trabalhos acadêmicos nesta área de pesquisa e muitas pessoas não sabem desses feitos, com o conhecimento deste ensino mais pessoas poderão interessar-se e proceder de maneira positiva.

A Pedagogia da Alternância como “Pedagogia do concreto” (Monitor ACFRSI, 2010) vai além dos conhecimentos técnicos, escolares e sistemáticos, representa uma forma de desenvolver a vida e de sustentação para os jovens que residem no campo. Ela transforma-se

então em uma Pedagogia da vida, pois os envolvidos passam a ser sujeitos de sua história, transpassando o real, precisam saber viver e aprender os meandros deste caminho.

## REFERENCIAS

- AZEVEDO, José de Antulio. **A formação de técnicos agropecuários em alternância**. Tese (Doutorado) Marília, 1999
- BEGNAMI, João Batista; BURGHGRAVE, Thierry de. **Dossiê I** – O(a) monitor(a) e a Associação. SIMFR, 2003
- BEGNAMI, João Batista; BURGHGRAVE, Thierry de. **Dossiê II** – O(a) monitor(a) e o processo ensino-aprendizagem. SIMFR, 2003
- BEGNAMI, João Batista; BURGHGRAVE, Thierry de. **Dossiê III** – O(a) monitor(a) e os instrumentos pedagógicos. SIMFR, 2003
- BEGNAMI, João Batista; BURGHGRAVE, Thierry de. **Dossiê III módulo IV** – O(a) monitor(a) e o plano de formação do CEFFA. SIMFR, 2003
- BEGNAMI, João Batista; BURGHGRAVE, Thierry de. **Dossiê III módulo V** – O(a) monitor(a) e o projeto profissional do jovem. SIMFR, 2003
- BOF, Alvana Maria(organaização); SAMPAIO, Carlos Eduardo Moreno... [et al.]. **A educação no Brasil Rural** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.
- BONAMIGO, Carlos Antonio. Pedagogias que brotam da terra: um estudo sobre práticas educativas do campo. Porto Alegre, 2007. 219f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – RS.
- BRASIL **Lei n.º 9.394/96**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Ministério da Educação. Brasília, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Referências para uma Política Nacional de Educação do Campo. MEC . Caderno de Subsídios.Brasília,DF: 2004.
- BROSE, Markus. **Agricultura familiar, desenvolvimento local e políticas públicas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.
- CALIAR, Rogério. Pedagogia da Alternância e Desenvolvimento local. Lavras: UFLA, 2002.
- CALVÓ, Pedro Puig. **Centros familiares de formação por alternância**. In.: Pedagogia da Alternância. UNEFAB
- CENSO DEMOGRÁFICO. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE**. Disponível em [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default\\_censo\\_2000.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default_censo_2000.shtm). Acesso em: maio de 2009.
- CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO/RS. **Parecer 675/2009**. Relatório da Comissão de Ensino Médio e Educação Superior do Estado do Rio Grande do Sul. Aprovado em 30/09/2009.
- DAMASCENO, M. N; THERRIEN, J. **Educação E Escola No Campo**. São Paulo: Papyrus, 1993.
- EHLERS, Eduardo. **Agricultura sustentável**. Origens e perspectiva de um novo paradigma. 2.ed. Guaíba: Agropecuária, 1999.
- ESTEVAM. D. de O. **Casa Familiar Rural: a formação com base na Pedagogia da Alternância**. Florianópolis: Insular, 2003.
- FONSECA, Maria Tereza Lousa. **A extensão rural no Brasil: um projeto educativo para o capital**. São Paulo: Loyola, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

- \_\_\_\_\_. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. 15 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- \_\_\_\_\_. Pedagogia do oprimido. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAs**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.
- GÖRGEN, Frei Sérgio Antônio. **Os novos desafios da agricultura camponesa**. Porto Alegre: s/e, 2004.
- GRITTI, Silvana Maria. Educação rural e capitalismo. Passo Fundo: UPF, 2003.
- GRZYBOWSKI, Cândido. Esboço de uma alternativa para pensar a educação no meio rural. Revista Contexto e Educação. Ijuí. Ano 1. n.4. out/dez. 1986.
- HILLESHEIM, L. P.; KNOB, D.A., A alternância como Pedagogia de formação para o sujeito do campo. In: **Anais do VII Simpósio de Educação: Complexidade e Conhecimento**. Frederico Westphalen: URI, 2008.
- HILLESHEIM, Luiz Pedro. A formação integral na visão dos sujeitos da alternância. Revista Formação por Alternância. Ano 3, nº 5, 2007.
- JARA, C. J. **A sustentabilidade do desenvolvimento local**. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura-IICA, 1998. 316p
- JESUS, Janinha Gerke de. Saberes e formação dos professores na pedagogia da alternância. Vitória, 2007. 229f. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória – ES.
- LAMARCHE, Hugues. **A agricultura familiar**. Campinas: Unicamp, 1993.
- LEITE, Sérgio Celani. Escola rural: urbanização e políticas educacionais. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- LIMA, A. P. **Administração da Unidade de Produção Familiar: Modalidades de Trabalho com Agricultores**. 3 ed. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2005
- LIMA, Ana Rita; SANTOS, Clarice A. dos; ALDRIGHI, Salete. Educação do campo. Direito de todos os camponeses e camponesas. Brasília: Max Pint – Via Campesina, 2006.
- LOURDES, Helena da Silva Educação do Campo e Pedagogia da Alternância. A experiência brasileira. sísi / **revista de ciências da educação** · n.º 5 · jan/abr 08
- MARTINS, J.S. **Capitalismo e Tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1975.
- MANFIO, Elisandra. Educação para o meio rural: perspectivas atuais de permanência e sustentabilidade. Frederico Westphalen, 2004. 72 fl. Monografia (Graduação em Pedagogia). Departamento de Ciências Humanas. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Frederico Westphalen – RS.
- MIGUEL, Lovois de Andrade; SCHNEIDER, S. ; WAQUIL, Paulo Dabdab ; KUHN, Daniela Dias. Microcrédito e capacidade de pagamento dos agricultores familiares: a experiência do Programa RS-Rural no Rio Grande do Sul. **Revista Ensaio** (FEE), Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 789-828, 2005.
- MIOR, Luis Carlos. **Agricultores familiares, agroindústrias e redes de desenvolvimento rural**. Chapecó: Argos, 2005.
- NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. **A educação camponesa como espaço de resistência e recriação da cultura: um estudo sobre as concepções e práticas educativas da escola família agrícola de Goiás – EFAGO**, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas – SP
- PACHECO, Luci Mary Duso. **O impacto sócio educacional da Pedagogia da Alternância na construção de um novo Rural: um olhar sobre o egresso da Casa Familiar Rural de Frederico Westphalen**. Projeto de Pesquisa: URI 2009/2010

PASSADOR, Cláudia Souza. **A educação rural no Brasil**. O caso da escola do campo no Paraná. São Paulo: Annablume, 2006

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Casa familiar Rural, 2006.

PELEGRINI, Gelson; GAZOLLA, Marcio. A agroindústria familiar no Rio Grande do Sul: Limites e potencialidades a sua reprodução social. Frederico Westphalen: URI, 2008

QUEIROZ, João Batista Pereira de; SILVA, Virgínia Costa e; PACHECO, Zuleika.

**Pedagogia da Alternância:** construindo a educação do campo. Goiânia: UCG; Brasília: Universa, 2006. 155p.

SILVA, L. H. **As experiências de formação de jovens do campo:** alternância ou alternâncias? Viçosa: UFV, 2008.

TEDESCO, João Carlos. (Org). **Agricultura familiar realidades e perspectivas**. Passo Fundo: UPF, 1999.